

APRENDENDO NOS MUSEUS

Núcleo Expositivo na sala 1 do Bloco Z: **Infâncias e Culturas Escolares**

Este material foi desenvolvido a fim de ajudar que o público visitante - no caso, professores e alunos - possa aproveitar ao máximo suas experiências museais. Entendendo museus como espaços vivos, dinâmicos, plurais; espaços de produção de sentidos; de troca de saberes; locais que preservam e divulgam objetos da cultura e da natureza, o **Museu da Infância** procura tornar-se cada vez mais próximo e acessível aos diversos públicos. Esse seu empenho faz parte de sua missão educativa que acaba por exercer um papel de complementaridade à escola. É nessa direção que foi criado este material - ele trata de questões relativas ao núcleo expositivo *Infâncias e Culturas Escolares*, que se encontra na sala 1 bloco Z, no campus da UNESCO.

Bom proveito!

Antes da visitação

O universo escolar não costuma ser distante dos que frequentam os museus: seja pelo papel que exerce no magistério, seja pelo papel de alunos de hoje ou de ontem. Muito embora isso seja fato, sempre recomendamos que o(a)s professores(as), se possível, possam visitar a exposição antes de levar seu grupo. Conhecendo o acervo, poderão preparar-se, pensar em relações que podem ser feitas, planejar atividades para o grupo. Claro que se isso não for possível a visita não está invalidada - apenas deve-se estar atento aos questionamentos dos alunos (sejam eles de que idade forem), de maneira a ouvi-los e poder sempre problematizar suas questões, sem minimizá-las ou desqualificá-las. Para favorecer a mediação do(a) professor(a)

junto à seu grupo, disponibilizamos no site várias indicações bibliográficas e textos relacionados à exposição que podem ser lidos antes da visita com a turma (http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_escolares/bibliografia.htm). Se de um lado aconselhamos que o(a)s professores(as) preparem-se antes da visita com a turma lendo e estudando sobre aquilo que será visto, diferentemente, acreditamos que com os alunos o contato direto com os objetos museais deve ser o primeiro passo. Nada de "aulas" sobre a exposição antes de visitá-la - num museu, não aprendemos *sobre* a cultura, mas *com* a cultura. A preparação para a visita tem como meta primeira o aguçamento da curiosidade - convidá-los a falar sobre suas memórias e experiências escolares; perguntar do que gostam/gostavam nas instituições de ensino; quem conhece os materiais expostos; que experiências tiveram em suas aventuras educacionais; se sabem sobre o uso de determinados equipamentos e materiais, ou de que são feitos; se imaginam a história dos móveis expostos; o que conhecem sobre as metodologias de outros tempos e/ou lugares; o que imaginam que verão na exposição... Questões plurais, sem respostas únicas, que tragam o tema para o centro de interesse do grupo. Se forem crianças pequenas, podem ser convidadas a trazer seus desenhos ou outras atividades feitas na creche que tenham levado para casa, mostrar para os amigos; se forem crianças das séries iniciais, podem contar histórias imaginárias ou experiências vividas no cotidiano escolar, sobre professores, amigos etc.

Durante a visita

Você pode agendar uma visita com mediação a esta exposição através do telefone (48) 3431-2555 ou pelo email infancia@unesc.net. Mas você também pode organizar sua visita sozinho(a) a outros núcleos expositivos do **Museu da Infância** - ele é um espaço aberto, sem muros ou paredes impeditivas, portanto, que acolhe visitantes em qualquer horário. Excepcionalmente, o núcleo expositivo *Infâncias e Culturas Escolares* está dentro de uma sala fechada, o que requer agendamento, mesmo para uma visita autônoma.

Caso opte por levar, por sua própria conta, seu grupo de crianças, de jovens ou de adultos, alertamos que o espaço destinado a esse núcleo expositivo é bastante pequeno, inviabilizando visita simultânea de número maior de pessoas. Outra lembrança importante, diz respeito ao ritmo próprio de cada visitante. Uma das maiores dificuldades enfrentadas em visitas de grupos aos museus é exatamente essa. Por isso sempre sugerimos que sua visita comece com uma exploração livre da turma; cada um se dedica àquilo que mais chama a atenção, trocam informações e comentários entre si; estabelecem relações... Seu papel nesse momento é estar atento(a) aos interesses e dúvidas de seu grupo; suas hipóteses e comentários. Não importa a idade do grupo, comumente as pessoas se agregam a partir de suas afinidades e/ou curiosidades e inquietações. Seu papel, como mediador(a), é, sobretudo, estar disponível para o diálogo (pois sempre há quem queira partilhar com você sobre aquilo que está pensando), bem como estar de ouvidos atentos aos comentários tramados entre eles - estas falas trazem dicas importantes do que você pode explorar no segundo momento: o da sua "intervenção".

Após a primeira exploração "livre", você pode se aproximar das vitrines e instigar o direcionamento do olhar e da discussão. Escolha um dos objetos para começar - por exemplo: *Vocês conhecem o mimeógrafo?* [Os estudantes falarão sobre.] *Para que ele serve? Sabiam que antes das impressoras ou copiadoras usava-se esse aparelho para reproduzir os materiais na escola?* [Incentive comentários e problematize outras comparações de ontem&hoje junto ao grupo] *Quem acha na vitrine outro equipamento antigo?* E desta forma, você vai mostrando a eles - do geral para o particular - dos móveis aos cadernos; detalhe para a amplitude - do uniforme da criança à forma de posar para a fotografia. Pode abordar os métodos pedagógicos usados, o material do mobiliário etc. Não caia na tentação de dar uma "aula expositiva" na qual só você fala e os outros apenas ouvem! Seu papel de mediador(a) não requer isso, mas que você seja provocador(a) do diálogo, recheando-o, sempre que possível, com informações.

Nesse núcleo expositivo há alguns materiais para exploração tátil feitos especialmente para deficientes visuais. Se você tiver alguém com essa característica em seu grupo, peça que o material lhe seja disponibilizado. Mas se não tem, vale a pena de qualquer forma mostrar aos educandos os recursos utilizados para que portadores de necessidades especiais de educação possam usufruir melhor da visita.

O tempo destinado à exploração desse núcleo e o nível de aprofundamento das respostas deve ser sentido por você, dependendo do número de alunos e da idade do grupo. Importante que não se cansem e que não saiam da visita enfasiados, mas sim animados para dar prosseguimento a ela após o retorno para a instituição de educação.

Depois da visitação

O retorno à creche ou ao espaço formal de educação é um importante momento de dar continuidade ao visto/vivido no Museu. Agora é a hora de aprofundar aquilo que mais interessou e dar asas à imaginação!

Se seu grupo é de crianças de educação infantil, proponha a confecção, com sucata, dos equipamentos que conheceram no Museu (se tiver algo semelhante na sua instituição, leve para a sala para uma exploração tátil); visite toda a instituição, em particular, os espaços nos quais as crianças não costumam circular, como secretaria etc.; façam pinturas a dedo e desenhos coletivos em grandes papéis pardos, representativos do espaço institucional; dramatize "brincar de escola"; cante músicas e conte histórias acerca do tema (no Museu da Infância temos alguns livros de histórias infantis que podem ser solicitados para uma contação no local); faça bonecos a partir do contorno das crianças no chão, confeccionando o uniforme com colagem de retalhos; ou mesmo crie com caixas grandes e papietagem uma escola para os/as bonecos/as da turma.

No caso de suas crianças serem das séries iniciais do Ensino Fundamental, confeccione livros com recortes de revista que podem ser incorporados ao acervo da turma; proponha pesquisas e cantorias de músicas com essa temática; idem com poesias; assista a filmes nos quais crianças vão à escola etc. (também temos no Museu da Infância alguns filmes que, sob agendamento, podem ser assistidos por seu grupo); estimule a criação de material pedagógico (como jogo da memória, quebra-cabeças etc.) que também podem ser incorporados ao acervo da turma; visite toda a instituição e use a temática como sugestão para pinturas em diferentes suportes; faça uma campanha: "como melhorar a nossa escola?", levantando as sugestões e críticas das crianças, confeccionando painéis; proponha pesquisas coletivas junto às famílias sobre suas histórias escolares e, a partir dela, faça exposições de materiais escolares antigos e modernos em contraste um com outro e crie um painel com depoimentos, como os dois que destacamos de FREITAG, Vanessa. **Tecendo os fios das memórias de infância no processo criativo docente: um estudo com professores de artes visuais da Casa de Cultura de Santa Maria/ RS**. Dissertação de Mestrado em Educação. RS: UFSM, 2008, e colamos abaixo:

(...) eu nunca me esqueço dum presente pros dias das mães, que era o que a gente mais fazia [na escola], dias dos pais, dias das mães, então o que ocorreu: tu tinhas que trazer era um feltro, um feltro de várias cores, que tu formavas uma flor, né? E um papel duro atrás que tu colocavas na parede com um ganchinho pra colocar agulha, alfinetes. Só que a professora fazia assim: três folhas verdes pra ti, três folhas verdes pro colega e ia indo assim. Depois duas flores rosas pra ti, duas flores rosas pro colega, daí ela mandava todo mundo esperar. Daí o que ela fazia? Ia pro quadro, "agora vocês coloquem a flor rosa lá em cima, coloquem a folha verde no canto" - e eu dizia: "Ah, professora, mas a rosa não pode ficar embaixo?". Eu me lembro que eu perguntava e ela dizia: "Não, tem que ser assim!" (Fátima - p.108)

Lembro-me do meu primeiro ano escolar, para mim tudo era grande novidade, era muito bom ir à escola. Com o passar do tempo, a escola tornou-se uma obrigação e uma rotina, cumprir uma tarefa, mesmo sabendo da importância que esta traria (e trouxe) para minha vida profissional e pessoal. Penso que a escola vivencia alguns problemas e conflitos, ainda que seja um espaço rico para socializar e construir conhecimentos, um espaço que poderia ser mais prazeroso para além do pátio da escola, e sim, dentro e fora da sala de aula (Vanessa - p.106).

Sendo professor(a) de um grupo de pré-adolescentes ou adolescente (séries finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio), estimule pesquisas de campo nas comunidades, entrevistando os atores sociais envolvidos e fotografando as escolas

e creches locais; recolha doações e monte um "Museu da Escola" (se quiser, pode agendar uma oficina de "Dignificação de Objetos" com a equipe do Museu da Infância) - depois pode doá-los ao Museu da Infância ou incorporá-los ao acervo da própria escola; confeccione uma maquete da escola com sucata e crie miniaturas de crianças em situação escolar com argila; explore as telas de artistas que usaram esse tema e desenvolva diferentes técnicas de artes visuais com essa temática; ouça músicas com esse tema; faça sarau de poesias acerca de situações escolares; discuta com a turma trechos literários sobre a escola, como esse que colocamos abaixo:

"O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino estivesse morto. Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler." (retirado do livro **Infância**, de Graciliano Ramos - Editora Record: 2003, p.206).

Em se tratando de estudantes universitários ou em turmas de formação, a complexidade das propostas vai depender muito do tempo destinado a elas e do peso que a temática tem nos seus conteúdos. Começando pelo mobiliário, destacamos uma citação de Mognol que pode esquentar o debate:

"Os espaços onde se desenvolvem ações educativas não são simples cenários, mas lugares plenos de significações e intencionalidades, em que se inscrevem e se produzem relações de poderes, de práticas e representações culturais, históricas e sociais. (...) Ritmos, necessidades, arranjos, disposição de mobiliário, tempo que se dispõe para seus usos, tudo isso configura o modo como um espaço de educação funciona. (...) Eles nos possibilitam compreender que nenhum espaço é neutro, pois carrega em sua configuração signos, símbolos e vestígios de sua ocupação. O espaço comunica o uso que dele se faz (...). Tais aspectos referem a escola enquanto lugar que produz marcas nas estruturas mentais de crianças, adolescentes e jovens" (Mognol, 2007, p.118/9).

Você pode aproveitar também para destacar que a foto do grupo escolar (representada também tridimensionalmente) traz crianças contidas, sentadas de forma enfileirada, uma atrás da outra, ou uma ao lado da outra... Silenciosas. Interessante notar que as foto-grafias são "escritas pela luz" que registram/congelam um momento representativo. Como qualquer imagem, são expressões de linguagem e, como tal, não desvinculadas de seu caráter ideológico -

o que vale um debate com seu grupo: O que se quer mostrar? Em outras palavras: que mensagens estariam por trás das cores, objetos e poses que compõem as fotos oficiais tiradas nas e pelas escolas e espaços de educação infantil? A foto em questão chama também a atenção por ser de uma turma só de meninas. A Reforma Leôncio de Carvalho (1879) promulga, no então ensino primário, dentre outras coisas, a não obrigatoriedade da instrução religiosa, ou seja, a implantação da escola laica e a extinção de escolas separadas para meninos e meninas. Essa Reforma, com propostas como a de formação de turmas mistas nas escolas, marca um avanço para a sociedade oitocentista. Também o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, datado de 1932, reforçava as reivindicações por uma educação pública, gratuita, mista, laica e obrigatória. A educação mista também foi defendida pela Constituição de 1934. Apesar disso, na década de 60 do século XX, ainda era possível encontrar escolas só de meninas ou só de meninos - como na fotografia exposta.


Além de poder explorar várias das sugestões anteriores, destacamos a importância da leitura e debate de textos teóricos sobre isso. No *site* temos uma sugestão bibliográfica interessante e no próprio Museu da Infância há também uma série de materiais e livros para professores que podem ser solicitados para pesquisa no local. Consulte-nos sobre isso.

Frisamos que nosso objetivo não é engessar suas idéias e propostas, mas apenas sugerir algumas delas. Perceba que em todas elas a nossa preocupação é com a autonomia intelectual e autoria dos estudantes - isto é, com formas de colocá-los no cerne do processo de pesquisar e criar, sem recorrer a modelos prontos ou cópias.

Equipe do Museu da Infância

(48) 3431-2555 / infancia@unesp.net

SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICZ, Anete. **A menina repetente**. Campinas/SP: Papyrus, 1995.
- ALGEBAILLE, Maria Angélica P. Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas/SP: Papyrus, 1996 (121-148).
- ALVES, Nilda & SGARBI, Paulo (orgs.). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre - imagens e auto-imagens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Salamandra, 2001.
- _____. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BELOTTI, E.G. **Educar para a submissão: o descondicional da mulher**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CAMPOS, Maria M. et al. **Creches e pré-escolas no hemisfério norte**. São Paulo: Cortez, 1994.
-  CORDAZZA, Scheila & VIEIRA, Mauro. A brincadeira e suas implicações pedagógicas de aprendizagem e desenvolvimento. In **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ, ano 7, n.1, 2007 (89-101).
- CORRÊA, Ayrton Dutra (org.). **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí/RS: Unijuí, 2004.
- CRAIDY, Carmen & KAERCHER, G.E. **Educação infantil - pra que te quero?** Porto Alegre/RS: Artmed, 2001.
- CUNHA, Susana R.V. da (org.). **Cor, som e movimento - a experiência plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre/RS: Medição, 2002.
- EDWARDS, Carolyn & GANDINI, L. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre/RS: Artmed, 2002.
- EDWARDS, Carolyn et al. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre/RS: Artmed, 1999.
- EGAN, Kieran. **O desenvolvimento educacional**. Lisboa/Portugal: Dom Quixote, 1992.
- _____. **O uso da narrativa como técnica de ensino**. Lisboa/Portugal: Dom Quixote, 1994.
- FARIA, Ana Lúcia G. & PALHARES, M.S. (orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas/SP; São Carlos/SP; Florianópolis/SC: Autores Associados; Ed. UFSCar; Ed. UFSC, 1999.
- FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas/SP: Papyrus, 1998.
- [»Leia a resenha deste texto feita pela equipe do Museu da Infância](#)
- _____. (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas/SP: Papyrus, 2001.

FRAGO, Antonio Vinão. **Alfabetização na sociedade e na história**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1993.


FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.


FREIRE, Paulo. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FULLAN, Michael & HARGREAVES, Andy. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 2000.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

 GUEDES, Adriane Ogêda. **A psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon: desenvolvimento da comunicação humana nos seus primórdios**. Rio de Janeiro: mimeo, s/d.

 _____ & FERNANDES, Adriana Hoffmann. **Formação de professores leitores em um projeto de extensão universitária no curso de pedagogia: um relato de experiência**. Rio de Janeiro: mimeo, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 2000.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem - Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas/SP: Papyrus, 1994.

KOHAN, Walter O. (org.). **Lugares da infância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil - a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In _____ & LEITE, M.I. **Infância e produção cultural**. Campinas/SP: Papyrus, 1998 (11-24).


_____. & JOBIM e SOUZA, Solange (orgs.). **Histórias de professores - leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.




KRAMER, Sonia et al (orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas/SP: Papyrus, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, mascarenhas e piruetas**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2003.

LEITE, Maria Isabel. O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas/SP: Papyrus, 1996 (73-96).

 _____. Escola: espaço de autonomia e expressão? In **ANAIS da ANPEd Sul**. Curitiba: ANPEd Sul, 2003.

- LOPES, Ana Elisabete. Foto-grafias: as artes plásticas no contexto da escola especial. In _____ & LEITE, M.I. **Infância e produção cultural**. Campinas/SP: Papirus, 1998 (75-108).
- MACHADO, Maria Lúcia. **Pré-escola não é escola**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- MARTINS, José de Souza (org.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MARTINS, Maria Helena (org.). **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1993.
- MEDEIROS, Lúgia. **A criança da favela e sua visão do mundo: uma contribuição para o repensar da escola**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- MONTEIRO, Mariângela da S. Crianças e linguagem num contexto especial: um estudo etnográfico, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas/SP: Papirus, 1996 (149-180).
- NICOLAU, Marieta Lúcia M. & DIAS, Maria Célia M. (orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas/SP: Papirus, 2003.
- NOGUEIRA, Letícia. A criança e o computador: trilhando caminhos em educação na modernidade, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas/SP: Papirus, 1996 (97-120).
- _____. Imagens da criança no computador, In KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas/SP: Papirus, 1998 (109-130).
- NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de professores**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1992.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa & SGARBI, Sergio (orgs.). **Redes culturais - diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma M.R. (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. et al. **Creches: crianças, faz de conta & cia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- OSTETTO, Luciana E., OLIVEIRA, Eloísa & MESSINA, Virgínia da S. **Deixando marcas... a prática do registro no cotidiano da educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- OSTETTO, Luciana E. & LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas/SP: Papirus, 2004.
- PARK, Margareth B. (org.). **Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2000.
- PATTO, Maria Helena S. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: T.A.Querioz, 1991.
-  PEREIRA, Antônio Serafim. **Ensino e Realidade: a compreensão dos professores do Colégio de Aplicação da UNESC - texto apresentado na ANPAE, 2007**.
-  _____. Pesquisa-formação: dois estudos, dois contextos, mesmos desafios. **ANAIS da 30a. Reunião Anual da ANPEd, 2007**.
- PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (org.). **Linguagens da arte na infância**. Joinville/SC: Editora Univille, 2007.
-  QUINTEIRO et al. A participação da criança na escola de ensino fundamental: um desafio nas séries iniciais. In **ANAIS da ANPED**. Caxambu/MG: ANPEd, 2005.

PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel (coords.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga/Portugal: Universidade do Minho/Editora Península, 1997.

RICHTER, Ivone M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2003.

RICHTER, Sandra. **Criança e pintura: ação e paixão de conhecer**. Porto Alegre/RS: Mediação, 2005.

RODARI, Giani. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria M. & FERREIRA, I.M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1993.

SARMENTO, Manuel J. & CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Portugal: ASA Editores AS, 2004.

SILVA, L.L.M. da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura**. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1986.

SMOLKA, Ana Luiza B. & GÓES, M.C. (orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. Campinas/SP: Papyrus, 1993.



VIEIRA, Nuelna; GUEDES, Adriana & GUIMARÃES, Daniela. Produzindo uma revista de histórias em quadrinhos: conteúdo e forma conjugam-se na construção coletiva. In **Revista do Professor**. Porto Alegre/RS. Ano XX, n.77 - jan-mar/2004.

ZILBERMAN, Regina (org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1986.